



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO

Boletim UNINA
Boletim Unina V. 2, N. 2, 2021

Corpo Editorial
Wilma de Lara Bueno
Eduardo Soncini Miranda

Revisão de Texto
Sônia Maria Packler Huber

Diagramação
Carolyne Eliz de Lima

Instituição
Faculdade Unina

Endereço
Rua Claudio Chatagnier, nº 112, Bacacheri
CEP: 82520-590

Telefone
(41) 3123-9000

Site
<https://www.unina.edu.br/>

Indicação de periodicidade
Semestral

Sumário

EDITORIAL

página 5

A DOCÊNCIA VALE A PENA?

página 7

SER PROFESSORA: ENTRE O DESEJO E A INCOMPLETUDE

página 9

HISTÓRIAS DE UMA PROFESSORA DE CIÊNCIAS

página 11

MEDICINA+HUMANIZAÇÃO=CURA

página 13

REFLEXÃO SOBRE A ATIVIDADE DOCENTE

página 16

PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VIA WEB-CONFERÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

página 19

TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA E REDES SOCIAIS

página 21

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO EAD: SER PROFESSOR TUTOR

página 24

A EDUCAÇÃO PARA A SEGURANÇA NO TRABALHO E AS RELA- ÇÕES PEDAGÓGICAS DA II SIPAT DA CIPA 2021

página 26

A inspiração para realizar este número do Boletim Unina, denominado Experiências de Ensino, vem das reflexões do historiador das Ciências da Educação Antônio Nóvoa sobre a profissionalização do docente e a necessidade de que, entre o conjunto de trabalhos que realizam, professores e professoras criem um tempo próprio para refletir sobre sua prática. Via de regra, estes (as) profissionais estão sempre assoberbados (as) de atividades e não costumam reservar um momento para pensar sobre si mesmo, sua relação com o ensino e a construção do conhecimento. Quantas experiências do cotidiano da sala de aula mereceriam um registro para ficar na história escolar? Quantas situações inusitadas ocorrem no dia a dia com os alunos, que exigem a recomposição das metodologias de trabalho, lançando sementes férteis de alcance inesperado?

Nessa perspectiva, os editores do Boletim Unina convidaram os(as) professores(as) da Faculdade Unina para escrever sobre uma experiência, enquanto docente, nos diferentes níveis de atuação, como o Ensino Fundamental, Médio, Superior, EaD, entre outros. O critério de apresentação seria escrever um relato, inaugurando, talvez, um momento de trocas, de partilhas, autorreflexão e, por que não, de doação da experiência/sabedoria, o que poderá se tornar um lugar comum entre nós, professores da Unina, em um tempo contínuo.

Constatou-se, com muito prazer, que o convite encontrou eco e permitiu reunir um conjunto de artigos de autores e autoras comprometidos(as) com sua profissão, a qual, por vezes, pode-se afirmar sem exagero, assemelha-se a uma obra de arte, uma vez que, em muitas situações, além do domínio do conhecimento, da formação continuada, do cuidado na relação professor-aluno, requer uma carga de criatividade, com espírito de aventura afetiva e intelectual.

Assim, para abrir nosso trabalho, o Professor Tutor do Curso de Teologia, Esp. Alisson Sant'Ana, em "A docência vale a pena?", oferece-nos uma reflexão que toca a alma de quem ensina, uma vez que só compreende a dimensão dessa profissão quem está com ela comprometido. Tal como o título sugere, o autor nos convida a refletir sobre o nosso papel na sociedade em que vivemos e construímos como cidadãos(ãs).

Com o título "Ser professora: entre o desejo e a incompletude", a Profa. Dra. Yara Rodrigues de La Iglesia relata uma experiência sobre o cotidiano da sala de aula no Ensino Fundamental no início de sua vida profissional. Em seus momentos reflexivos, procedentes da sua atuação como docente, a autora enaltece a necessidade do aprender constante, não bastando para o profissional ter curso de formação e leitura de vários autores. É preciso continuar a formação e realizar uma constante autoavaliação da prática do seu dia a dia de trabalho.

A Profa. Ms. Santana Bordini, em "Histórias de uma professora de Ciências", brinda-nos com sua espontaneidade ao deparar com uma situação inesperada no Ensino Médio. Mostrando como procedeu em relação às observações dos alunos, ela revela essa parceria de acordos, partilhas e comprometimentos que marcam a vida do(a) professor(a) que encara seu trabalho com seriedade. A professora também divide conosco as alegrias que chegam quando os pais reconhecem o trabalho docente.

De igual importância, os(as) professores(as) que se ocupam dos Cursos de Preparação para o Vestibular têm suas surpreendentes experiências, uma vez que, nesse período da vida estudantil, os educandos também esperam um alerta sobre o que os aguarda na futura profissão. O Prof. Dr. Eduardo Soncini Miranda, em "Medicina + humanização = cura", desenvolve uma esclarecedora reflexão sobre a inclusão de disciplinas das ciências humanas na formação dos médicos. Ou seja, não basta ter conhecimentos, é preciso exercê-los com humanismo.

No Ensino Superior, as experiências continuam, são múltiplas e fortes, como nos mostra a Profa. Dra. Marli Pereira de Barros Dias em seu artigo denominado "Reflexões sobre atividade docente". Seu texto revela que, também nesse

momento de formação, o acadêmico traz consigo inúmeras experiências e histórias de vida a que o(a) professor(a) necessita estar atento e considerar ao se comprometer com a tarefa de ensinar, o que muitas vezes requer valorizar a diversidade em sua plenitude: “É assumir um compromisso com o individual e o coletivo.”

Coube ao Prof. Ms. Guilherme Natan Paiano dos Santos, em “Projeto de Iniciação Científica via web-conferência: um relato de experiência”, compartilhar a importância de se investir no campo da Iniciação Científica, um processo árduo nos dias atuais, decorrente da exigência que a pesquisa impõe e das atraentes facilidades que a tecnologia proporciona. Insistir na realização da pesquisa com qualidade é uma prática que fortalece a formação profissional e acadêmica; ensinar a elaborar um projeto de pesquisa ou escrever um artigo é o caminho para tal objetivo.

Por fim, e justifica-se o porquê, as Professoras Tutoras do Curso de Pedagogia da Faculdade Unina estão nesta finalização, pois nos apresentamos seus olhares e reflexões sobre este tempo de pandemia que vivemos e que se prolonga, revelando que talvez a vida do(a) professor(a) jamais volte a ser o que foi. O ensino-aprendizagem, em tempos de pandemia, exigiu o domínio das tecnologias e o(a) professor(a) precisou, rapidamente, incorporar e dominar o que se desenvolveu como ensino remoto ou híbrido, em seus desafios.

Nesta perspectiva, inaugurando quicá um outro tempo, em “Tecendo considerações sobre educação em tempos de pandemia e redes sociais”, a Professora Tutora Ms. Amanda de Lima Almeida nos faz um relato de como as tecnologias foram usadas logo após o fechamento das escolas e como foi possível manter uma proposta de trabalho e orientação aos alunos e pais. Em seus escritos, apresenta-nos os desafios que este tempo exigiu, bem como a criatividade e habilidade dos(as) professores(as) em responder às demandas profissionais, o que a autora vivenciou no Ensino Fundamental, Anos Iniciais, e na Educação Infantil, privilegiando condições primorosas para a construção do conhecimento. Em contexto semelhante, a Professora Tutora Ms. Sandra Mara de Lara, em seu artigo “A construção do conhecimento na EAD: ser pro-

fessor tutor”, analisa o papel do (da) professor (a) tutor(a) no processo ensino-aprendizagem, destacando sua importância como o agente dessa modalidade de ensino, ao possibilitar que a construção do conhecimento alcance regiões cujos habitantes podem ter acesso à formação educacional/profissional com o uso e auxílio das inovações tecnológicas. Ela evidencia o papel do aluno como sujeito na construção do conhecimento.

Em especial, este número conta com o artigo elaborado pela equipe de colaboradores que integram a CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) da Faculdade Unina, a qual desempenha um trabalho fundamental de zelar pelo bem-estar, segurança e felicidade de seus colaboradores. Para isso, faz uso de diferentes estratégias, oferecendo cursos e seminários compatíveis com a exigência institucional de humanização social e criando orientações para prevenção de doenças, acidentes de trabalho, preservação da vida e da saúde.

Os editores agradecem às autoras e autores que contribuíram brilhantemente para esta elaboração coletiva do Boletim Unina. Desejamos a você, leitor e leitora, que a obra cumpra seu objetivo e também coopere para o alargamento da produção do conhecimento.

Prof^a. Dra. Wilma de Lara Bueno
Prof. Dr. Eduardo Soncini Miranda



A Docência vale a pena?

A Docência é o sonho de muitas crianças no Brasil e no mundo. É uma das primeiras profissões com a qual temos contato e é natural que, ao tomar consciência de que, quando crescermos, teremos que trabalhar, assim como todos os adultos à nossa volta, que pensemos logo em profissões como a dos pais ou a de professor. De forma geral, a maioria logo desembaraça desse pensamento e começa a querer ser veterinário, astronauta ou artista de circo. Profissões lúdicas, cheias de emoção ou até em que você pode ficar perto dos bichinhos. No entanto, existem aquelas que nunca tiram isso da cabeça. Gostamos de pensar que essas são vocacionadas para a Docência.

A Docência normalmente é um sonho difícil de ser alcançado. Ensino Superior é obrigatório, e não só uma Graduação, mas também uma Pós-Graduação. Também é comum que seja necessário ser aprovado em um concurso público difícil e muito concorrido. Se é que ele chega a abrir. Ou então, o jovem aspirante a professor acaba indo para a ini-

ciativa privada, onde descobre como a Academia pode ser cruel. Nem toda a Instituição de Ensino Superior contrata um jovem especialista de vinte e três anos para Professor Tutor como ocorre na Faculdade Unina. Entretanto, tudo vale a pena, pois o sonho da Docência arde no coração.

Sonhamos com sala cheia, quieta quando deve ouvir e falante quando deve ser participativa. Alunos que entendem tudo o que explicamos, afinal de contas, nossa didática é MUITO boa. Nascemos para isso. Além de grandes discussões extras sobre Educação, Sociedade, Filosofia e as coisas mais elevadas do espírito humano e do Universo. Ah, claro, uma maçã na mesa quando chegamos à sala de aula.

Contudo, nenhum sonho, por mais pé no chão que seja, condiz com a realidade, por isso se chama sonho, pois não é real. Nos deparamos com estudantes que saíram da Educação Básica há anos, que mal sabem se comunicar de forma escrita, que trancam o

curso várias vezes, por conta da mensalidade ou de alguma necessidade básica ou de dignidade. Até polos que não têm acesso à Internet e a que precisamos enviar as videoaulas gravadas em DVD, juntamente com a prova impressa, que deve ser feita a caneta e retornada para a correção, temos aqui na Faculdade UNINA. E, em hipótese alguma, haverá uma maçã na sua baia quando você chegar. Mesmo porque seria um absurdo esperar que um aluno pegue um avião por duas horas para deixar uma maçã em sua mesa, não é mesmo?

Estou querendo dizer então que a Docência não vale a pena? De forma alguma! A Docência vale a pena exatamente por esses problemas. Ela vale a pena quando um aluno o faz de psicólogo e sai com forças para continuar o curso – no caso da Teologia, alguns até oração pedem. Vale a pena quando você luta para um estudante de potencial não trancar o curso e ele, de fato, não tranca. Vale a pena quando você percebe

que uma estudante muito boa desapareceu bem na disciplina de Orientação de TCC, e você vai atrás e descobre que ela está com depressão. Você então marca uma videoconferência com ela e insiste, estará junto com ela até ela entregar o seu Projeto de Pesquisa. Vale a pena quando um aluno que não costuma entender as coisas começa a ir à Faculdade para falar com você e pedir explicação e você dá uma aula particular por disciplina para o aluno, na biblioteca, e ele passa a entender e tirar notas ótimas. Vale a pena quando um aluno fala que você e a Faculdade mudaram a vida dele.

A Docência só vale a pena para os professores que, conhecendo ou não o slogan da Faculdade UNINA, o incorporam em sua profissão: Nós Ensinamos Transformando Vidas!

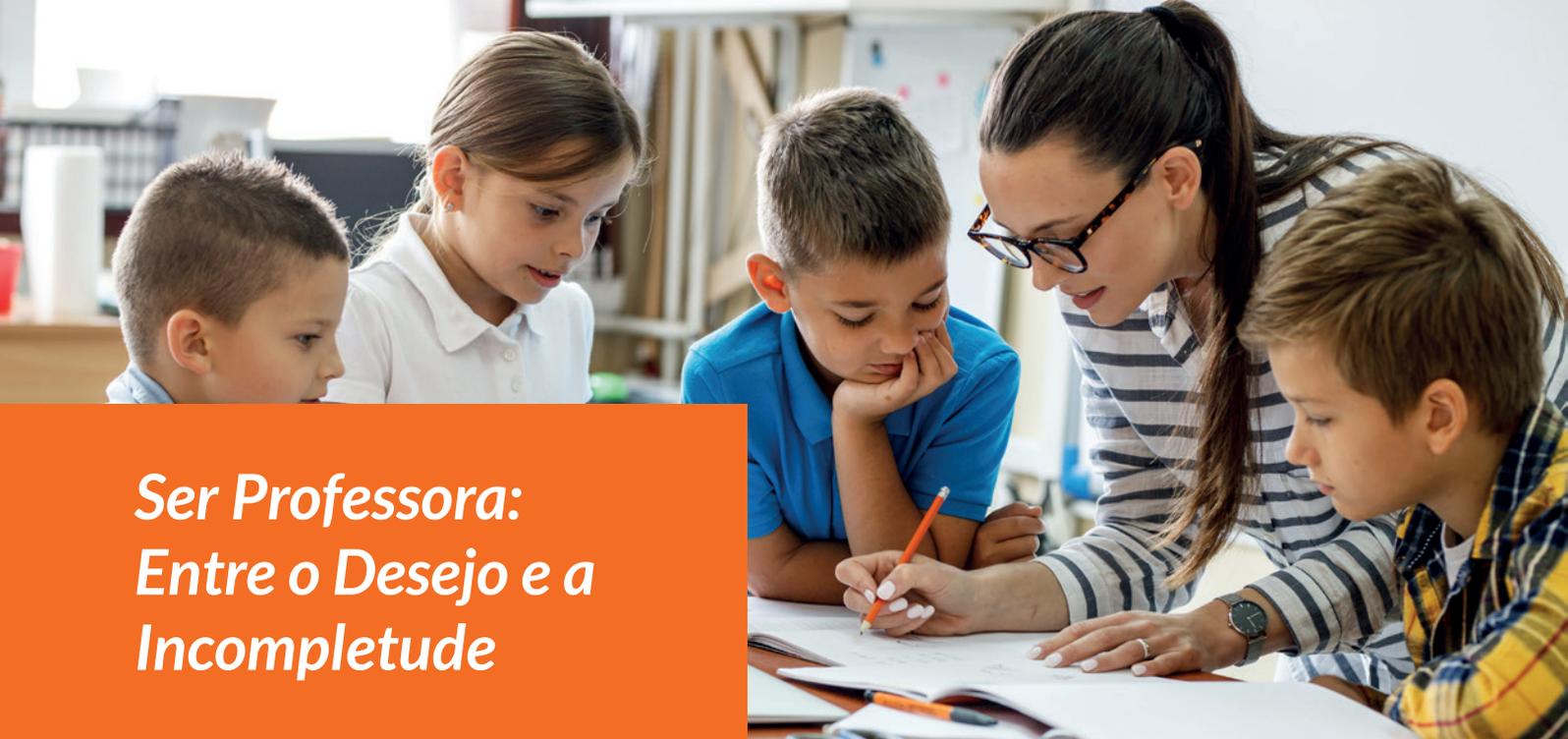
“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1987, p. 87 *apud* SALLES FILHO e *et all*, 2011, p. 14.597).

Esp. Alisson Sant’Anna

Professor Tutor e revisor de conteúdo de Teologia na Faculdade UNINA

REFERÊNCIAS:

SALLES FILHO, Nei Alberto; OLIVEIRA, Márcia Alves de; ALMEIDA, Maria Fátima Mello de. *A Transversalidade entre Ensino Superior e a Educação Básica na Busca de uma Educação pela Paz*. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6198_3931.pdf Acesso em: 03/05/2021.



Ser Professora: Entre o Desejo e a Incompletude

Para a elaboração deste relato a respeito de uma vivência como professora do primeiro ano do Ensino Fundamental, assumo um viés de narrativa, marcada essencialmente por uma escrita livre. Minha experiência começou com o desejo: o desejo de ser professora. Desde Platão (428 a.C.- 347 a.C.) até Freud (1856-1939), o desejo foi visto como um mover-se em direção a alguma coisa. Na psicanálise, o desejo é entendido como a falta, diante de nossa posição de incompletude. Obter nosso objeto de desejo nos confronta com nossa completude imaginária. No entanto, em seguida, descobrimos que nossas demandas nunca serão satisfeitas, pois, em todas as escolhas que fazemos, revelamos um novo desejo.

Assim, começou minha longa história com a Educação, primeiramente, como professora de crianças pequenas. É importante adiantar que minha história está marcada pela minha posição de incompletude como profissional, mas, acima de tudo, como ser humano. Agora, a ideia aqui tomada de inacabamento ou incompletude é de Paulo Freire (1921-1997), que afirma ser a educação um processo continuado de humanização. Portanto, como seres incompletos e inacabados, somos sujeitos que desejam se completar,

aprender no mundo e sobre o mundo.

É nesse movimento, dito aqui de forma simplificada, que assumo meu primeiro trabalho como professora. Instituída, a partir de meu pretexto saber pedagógico e da aprovação em um concurso público, assumo, com apenas 18 anos de idade, uma turma de crianças do primeiro ano, em uma escola pública.

Enquanto profissional da educação, aprendi que meu trabalho era ensinar e que as crianças pequenas estavam ali para aprender. Sim, em minha formação, haviam me contado que a mente humana poderia ser comparada a uma tábula rasa, ou seja, um papel em branco, pronto para ser preenchido pelos saberes da professora. Confesso que nunca fui uma grande leitora de John Locke (1632-1704). Essas ideias do pai do empirismo britânico chegaram até mim pelos meus professores, que também depositaram seus saberes na minha mente, supostamente vazia.

E foi com essa concepção que encontrei o Juninho – na verdade, ele se chamava Luís Junior, por causa de seu pai, Luís. Chamá-lo Juninho o infantilizava, mas era o costume, e eu adotei, sem questionar –. Juninho não

costumava copiar do quadro negro, negava-se a deixar que eu escrevesse os meus saberes em sua mente. Atitude que se repetia constantemente. Seu comportamento me incomodava, coloca em xeque minha suposta competência.

Naquele dia, cheguei à escola cansada e não estava disposta a fazer concessões. Afinal, eu o havia advertido inúmeras vezes. Depois de muitas ameaças, Juninho ficou de castigo. Foi proibido de sair para o recreio. Proibido de brincar. De conversar. De rir. De respirar ar puro. De ser criança.

No entanto, sentia-me apoiada teoricamente, tinha estudado Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). Mas, sem nenhuma intenção de enveredar por esse caminho, o que me cabe, nos limites deste texto, é apenas constatar que, para Skinner (1982), o papel do indivíduo nesta sociedade é o de ser passivo e respondente ao que dele é esperado. Sendo assim, um dos princípios fundamentais da ciência do comportamento é o reconhecimento de que muitos dos nossos comportamentos são modificados por suas consequências.

A teoria me havia ensinado que o reforço – carimbos com florzinha, elogios, caramelos – aumentaria a frequência de um comportamento e que a punição – retirada de privilégios, o cantinho do pensamento, a retirada do recreio, um bilhete para os pais – diminuiria a frequência de um comportamento não desejado. O recreio, nesse caso, era um reforçador positivo que deveria ser removido.

De volta ao Juninho. Quando saí da sala, olhei de soslaio e vi um semblante triste e assustado, e pensei: *Ele precisava aprender a ser gente*. Além de ter estudado Skinner, também tenho uma formação judaico-cristã, que me levava a acreditar que o caminho mais rápido para a mudança de comportamento era via sofrimento. Pensei: *Ele precisa sofrer pelo que fez. Com certeza, brotará o arrependimento*. Como sinaliza o grande humanista Marshall Rosenberg (2019, p. 32), “Essa é a ideia central da punição, fazer a criança sentir-se em culpa pelo que fez.”

Aqui, poderia continuar minha narrativa, mas preciso finalizar. Juninho ficou sem recreio e essa lembrança me assombra. Portanto, concluo dizendo que, graças a este processo continuado de humanização no qual estou imersa, olho para o Juninho com compaixão e lamento profundamente não ter tentado conhecer quais eram as suas necessidades por trás daquele comportamento. Lamento não ter colocado os limites necessários por meio do diálogo e da cooperação. Mas, acima de tudo, lamento não tê-lo ajudado a desenvolver o autocontrole e o autoconhecimento. Por outro lado, agradeço ao desejo psicanalítico, por meio do qual me dou conta da minha incompletude e dos novos desejos que me movem.

Dra. Yara Rodrigues de La Iglesia

***Doutora em Psicologia da Educação.
Professora da Faculdade Unina.***

REFERÊNCIAS:

Rosenberg, Marshall. *Criar filhos compassivamente: maternagem e paternagem na perspectiva da comunicação não violenta*. São Paulo: Palas Athena, 2019.



Histórias de uma professora de Ciências

Aceitei o desafio de escrever esse texto, movida pelo desejo de deixar meu testemunho sobre o trabalho docente, do qual tenho orgulho de dizer que já são 34 anos vividos. Dentre tantos episódios vivenciados nesses anos, compartilho aqui duas situações, uma de trespontote dos caminhos trilhados no passado, e outro bem recente e que, com certeza, deixaram marcas na minha vida.

Era 1990, aula de Biologia para o 1º ano do ensino médio. Uma sala grande com muitos jovens. Entrei, percorri o corredor central da sala e subi no tablado, como era de costume nas salas de aulas de colégios tradicionais de Curitiba. Disse bom dia e comecei a aula falando, falando muito e escrevendo no quadro de giz, hora me virava para os alunos e hora (a maioria das vezes!) falava virada para o quadro (sempre fui meio tímida!). De repente, um grupo de alunos se aproximou de mim e falou: Professora, você precisa falar mais devagar e virada para frente porque o Francisco (nome fictício) é surdo e faz leitura labial. Passei a pensar todos os dias em como daria aula para o Francisco e o que poderia fazer por ele. Enfim consegui, e tudo

acabou dando tudo certo.

Essa situação traz à tona uma questão muito importante: como nós professores nos sentimos quando nos deparamos com alunos surdos, em sala de aula? Será que estamos realmente preparados para a inclusão? Sabemos que o artigo 3 do decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, afirma que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério e que toda escola deve orientar os professores para atender os estudantes com deficiência com uma atenção diferenciada durante todo o processo de ensino e de aprendizagem. Hoje sei como é importante saber utilizar materiais didáticos e pedagógicos visuais, que auxiliem na construção de um currículo significativo e que traga para o aluno surdo experiências concretas de sala de aula, favorecendo um melhor entendimento, facilitando a prática do próprio professor e obtendo melhores resultados (DORZIAT; LIMA; MACIEL; LOURENÇO, 2007).

Devido a Pandemia, em 2020 passei a gravar videoaulas para todos os estudantes de 1º ao 5º ano da rede pública municipal de Curitiba. E como retorno, recebo muitas mensagens de estudantes e professores. Contudo, quero compartilhar uma mensagem, que transcrevo abaixo, recebida por uma escola, de um pai de estudante do 4º ano e a mim reencaminhada e que já faz parte do meu acervo¹ de memória escolar:

Professora eu tenho que elogiar muito os professores das aulas online, mas em especial hoje eu assisti com muito interesse a aula de ciências, descobri coisas que eu nem sabia né, acho que ela tem uma didática perfeita, assim ela superou demais, ela tem uma qualidade assim num nível que nem imaginava que tivesse na rede municipal assim. Tem que tirar o chapéu para essa professora e gostaria de encaminhar esse elogio para ela, por que eu fiquei vidrado junto com o meu filho na aula e assim foi muito legal. Eu fiquei muito focado assim, achei muito legal. (BORDINI, 2021).

O que dizer diante de tal mensagem a não ser debulhar-se em lágrimas de emoção com uma mistura de alegria e sensação de dever cumprido? Entretanto, gostaria de levantar dois pontos para reflexão. O primeiro é a didática. Minha didática não é perfeita apenas procuro ser coerente com uma concepção de educação em ciências fundamentada na alfabetização científica para todos. Paulo Freire (2009) nos fala que ensinar exige rigorosidade metódica, mas também humildade e a consciência do inacabamento. Ensinar exige competência profissional e criticidade, mas também respeito aos saberes dos estudantes. Exige estudo, curiosidade, pesquisa, disponibilidade para o diálogo, comprometimento, querer bem aos estudantes e compreender que a educação é uma forma de mudar o mundo. Enfim, ensinar exige risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.

Ms. Santana Célia Bordini

**Mestre em Educação,
Professora da Faculdade Unina.**

REFERÊNCIAS:

DORZIAT, Ana.; LIMA, Niédja Maria Ferreira; MACIEL, Eliane Maria de Menezes; LOURENÇO, Alcione Balbino. *Assessoria Pedagógica em Educação de Surdos à Funad/ PB. X Encontro de Extensão, UFPB, 2007.*
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

¹ Acervo pessoal da autora com mensagens que marcaram o período da pandemia Covid 19 em que o ensino ocorreu na modalidade remota. Áudio recebido pelo WhatsApp. Abril, 2021. 22h52.



Medicina + Humanização = A Cura

Minha família sempre esteve, de uma maneira ou de outra, indiretamente ligada à medicina. Meu pai trabalha, e se dedicou a vida toda a laboratórios e a empresas multinacionais, vendendo equipamentos e máquinas hospitalares; minha mãe é jornalista e sempre no Ministério da Saúde; minha irmã é advogada e hoje trabalha em uma fundação que cuida da Nefrologia; até meu irmão caçula, que, como todo adolescente, ora sabe ora não sabe qual profissão seguir, vê com bons olhos a medicina para seu próprio futuro!

Eu mesmo tenho turmas inteiras, exclusivamente formadas por alunos(as) que têm o sonho de serem médicos(as). Sempre que início os cursos de Sociologia (que, como eles sabem, são cursos de Ciências Sociais, na verdade), apresento as razões de a Sociologia aparecer tão tardiamente na primeira fase do Vestibular da UFPR. Em síntese, e me or-

gulho de participar deste processo, detectamos, por meio de pesquisas acadêmicas, que nossos calouros (UFPR) tinham um rendimento nas áreas das ciências exatas e da natureza, em geral, muito bom em relação à escala internacional. Entretanto, em sentido contrário, quando a área é a de ciências humanas, o resultado era muito mais baixo! A UFPR buscou minimizar esse problema adicionando os componentes Filosofia e Sociologia à prova da primeira fase do Vestibular em 2018¹. A primeira fase é aquela em que todos os candidatos fazem a mesma prova. Isso certamente contribuiu para uma maior atenção a essas áreas (historicamente desprestigiadas) na rede de ensino de maneira geral, chegando também, apenas recentemente, a alguns cursinhos mais atentos a esse debate! (É, infelizmente, muito comum, até hoje, professores que não são da área ministrarem aulas de Filosofia e/ou Sociologia; alguns cursinhos unem as áreas em uma só

¹ Disponível em <https://www.ufpr.br/portafulpr/noticias/ufpr-aprova-inclusao-de-questoes-de-sociologia-e-filosofia-a-partir-do-vestibular-201819/>

disciplina (??) numa espécie de Minotauro, que – ao contrário do da mitologia – é um misto de fraqueza/ignorância e enganação!

Na minha visão, um candidato a uma vaga na universidade pública não pode ser aprovado no vestibular sem saber o que é a república, o que é a ciência, o que é a pesquisa e a extensão! Assim, também penso que um estudante de medicina não pode se formar médico e não conhecer as estruturas básicas de sua própria sociedade: noções elementares de cidadania, a renda média do trabalhador, as políticas públicas de saúde do seu país!

Ontem saí de casa para ir ao mercado – me concentrei em cumprir todas as orientações sanitárias, de uso de máscara e álcool em gel – e, no caminho até lá, reparei na arquitetura da cidade. Notei que, nesse desprezioso trajeto, há inúmeras farmácias, clínicas de estética, barbearias, etc... Não vi nenhuma biblioteca, nenhum cinema, nenhum teatro! Quando percebemos que, em nosso redor, há mais salões de beleza/farmácias do que bibliotecas, constatamos o caráter narcisista e doente de nossa atual sociedade!

No ano passado, médicos e enfermeiros cubanos chegaram à Itália. Lembrei-me então de como a Itália tem falhado à sua vertente humanista quando do tratamento dispensado ao povo africano e aos refugiados sírios. Tenho trauma da cena grotesca do parlamento italiano, aprovando leis que confiscavam bens e multavam famílias fugidas de guerra! Recordei do episódio envolvendo a capitã Carola Rackete e a acusação do governo italiano de que ela teria violado uma lei que proíbe navios trazendo refugiados de atracarem nos portos italianos² (ministro Matteo Salvini). Me lembro da resposta da

capitã (isso só poderia vir de uma mulher!!), ao ser questionada sobre o motivo pelo qual decidiu se tornar capitã de um navio humanitário. A bióloga disparou: “*Sou branca, nasci em um país rico e tenho o passaporte adequado*”!!

No Brasil de poucos anos atrás, a classe dominante branca – predominante na área médica – protagonizou uma das cenas mais chocantes da minha vida: era o desembarque dos médicos cubanos aqui no Brasil. O Brasil chegou a ter 18 mil médicos cubanos que atendiam por volta de 60 milhões de brasileiros em cerca de 4000 municípios. O atual presidente, ainda quando um mero deputado federal, disse na época: “*Em 2019, ao lado de vocês, vou dar uma canetada, mandando 14 mil médicos cubanos de volta para atenderem em Guantánamo*”. As associações de médicos brasileiras também foram contra o programa. Um dos primeiros atos do atual governo foi desfazer a parceria médica entre Brasil/Cuba.

Machado de Assis, no clássico *Brás Cubas*, apresenta, no capítulo 20, “Bacharelo-me”, o exemplo de como era a formação superior no Brasil, nas palavras de José Murilo de Carvalho “feita para treinar elites”. Era em Lisboa/Coimbra que advogados e médicos brasileiros se formavam até o século XX. O autor, contando a história depois de ter falecido, relata que, apesar de ter estudado mediocrementemente, teria conseguido se graduar.

E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas, e não sei se profundas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me

²Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/10/internacional/1562776886_469320.html

encheu de orgulho e de saudades, – principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estroina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso (ASSIS, 1999, p. 32).

Não à toa, junto com os advogados, os médicos são a classe profissional que reivindica para si título de doutor sem ter estudos/teses de doutoramento defendidas.

Assim como o Brasil não possui apenas uma elite, mas uma velha classe dominante, escravista, pouco estudada e na maior parte nepotista de longa duração, grande parte dos médicos do Brasil não tem formação humanista. Temos médicos que, por vezes, buscaram na formação não apenas a defesa e o cuidado com a vida, mas o *status* social e os privilégios de classe!

O médico estadunidense Hunter Adams de-

se envolveu uma medicina humanista, que ajuda as pessoas usando o bom humor. Ele ficou conhecido mundialmente ao ser interpretado por Robin Williams no filme “Patch Adams: O Amor é Contagioso”.

Adams esteve no Brasil e, em entrevista no Roda-Viva, programa da TV Cultura, deixou claro que é um ativista político, trabalha pela paz e pela justiça, e defendeu que, se a sociedade não deixar de venerar o dinheiro e o poder para venerar compaixão e generosidade, não vê esperança para a sobrevivência do ser humano neste século. Enfatizou também que sua luta é pela medicina gratuita.

Médicos deveriam ser, por definição, Humanistas, pois deveriam cuidar da vida. Os “*médicus economicus*”, aqueles que veem a medicina como *status* social e alavanca econômica são menos médicos para mim.

“A MEDICINA SEM HUMANISMO É APENAS UM BRAÇO DO CAPITALISMO”.

Aos(às) meus/minhas queridos(as) alunos(as) “*medicinhos(as)*”, dedico este breve relato!

Dr. Eduardo Miranda

Doutor em Ciência Política. Professor e Coordenador do Curso de Ciências Sociais da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1999.



Reflexão Sobre a Atividade Docente

Originalmente, a palavra educar vem do latim *educare*, que, literalmente, significa conduzir ou direcionar para fora. Este “fora” quer dizer tirar o indivíduo de dentro de si mesmo para que possa compreender as diferenças existentes no mundo e assim se pre-

parar para a vida em sociedade. Esse “sair para fora” é, de fato, descobrir o mundo no qual está inserido. É aprender ou renascer para uma nova realidade, que é desvelada pelo conhecimento. Em paralelo a tudo isso, ocorre o desenvolvimento da consciência de

si, da sociedade e do mundo, que implica a libertação do indivíduo, antes preso pela ignorância. Isso nos remete à alegoria da Caverna de Platão, quando o filósofo nos leva à compreensão de que conhecer é conseguir enxergar para além de fragmentos da realidade.

Nas experiências cotidianas, geralmente, nos pautamos pelos conhecimentos adquiridos durante a nossa trajetória acadêmica, os quais são válidos, mas não são suficientes para todas as situações e em todos os tempos. Nesse contexto, durante a nossa formação profissional, a aquisição de conhecimento é essencial ao desempenho futuro do nosso trabalho. No entanto, não aprendemos tudo, pois a aprendizagem é algo contínuo. A Universidade nos fornece uma base para desempenhar as nossas funções e, se o ensino for de qualidade, desenvolve a nossa consciência crítica e a reflexão ante novas situações que poderão surgir no decorrer da nossa vida laboral. Consequentemente, nos prepara para a criação e a inovação no sentido de transformação, sempre que for preciso. Pois, educar é transformar e, conforme afirmou Paulo Freire, “educar é um ato político” (FREIRE, 1991, p. 21), porque liberta o indivíduo por meio da consciência crítica transformadora.

Na atividade docente, no meu ponto de vista, não basta ter um conjunto de técnicas prontas para serem aplicadas em todas as circunstâncias. Isso porque trabalhamos com seres humanos, cuja essência é diversa e cada indivíduo vivencia e concebe o mundo de modo diferente e de acordo também com a sua realidade socioeconômica e cultural. Essa diversidade inerente ao ser humano faz de cada pessoa única no seu modo de ser, de agir e de aprender.

Ao longo da minha atividade docente, deparei com situações diversas, nas quais as ha-

bituais metodologias não foram suficientes para levar aqueles(as) estudantes à aprendizagem, porque aprendiam de modo diferente do da maioria dos colegas. Nesse sentido, foi imprescindível descobrir como eles(as) compreendiam o que estava sendo ensinado. Tornou-se necessária a reflexão em torno daquela(s) pessoa(s), cujas características intelectuais e limitações inerentes a todo ser humano foram determinantes para a criação de uma metodologia adequada e capaz de trazer à tona a capacidade cognitiva do(a) estudante. Contudo, engana-se quem pensa que o sucesso alcançado com certo meio ou recurso com um aluno com determinada dificuldade vale para todos em situação semelhante. O respeito à singularidade inerente ao ser humano, assim como também conhecer a bagagem cultural que cada um carrega, é determinante para o ensino-aprendizagem bem-sucedido.

Nesse contexto, em situações especiais, exige-se pensar cada aluno individualmente, a partir de suas faculdades intelectuais ou cognitivas e culturais. Para cada situação que se apresenta, torna-se imprescindível a construção de uma metodologia nova para atender uma pessoa nas suas peculiaridades.

Indubitavelmente, a atividade reflexiva e de criação nos conduz ao aperfeiçoamento profissional mediante a produção de conhecimento, o qual, enquanto ciência, não é repetição, mas a produção de algo novo e uma via de mão dupla. Nesse sentido, mais uma vez, lembramos Paulo Freire, que asseverava que, “quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 13).

A minha experiência de docente me ensinou a ignorar a concepção de que algumas pessoas são incapazes de aprender. Todos nós temos as nossas dificuldades, em maior ou menor grau, porém possuímos a capacidade

de aprender algo com o outro. Na verdade, somos como a semente de um vegetal, que precisa de solo fértil, água, luz solar e clima apropriado para poder germinar e dar fruto.

A educadora e médica italiana, Maria Montessori, se referia às crianças e afirmava ser necessário ao desenvolvimento delas as condições adequadas, isto é, “o verdadeiro desenvolvimento depende da possibilidade de conseguir as condições de vida necessárias em cada momento determinado de sua

evolução” (SEBARROJA, 2003, p. 26). Com o estudante adulto ou universitário, não é diferente. Entretanto, para que isso ocorra no campo educacional, o(a) estudante deve estar no centro do processo educativo e tem que querer aprender. Ele(a) não pode ser apenas mais um, mas uma pessoa que merece uma atenção especial de uma educação comprometida com o humano. Educar/ensinar não é mera formalidade operacional, mas respeitar e assumir o compromisso com o individual e com o coletivo.

Dra. Marli Barros Dias

Mestre em Sociologia. Doutora em Teoria Jurídico-Política e Relações Internacionais. Professora da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- PLATÃO. *A República*. Brasília, Ed. Kiron, 2012.
- “A EDUCAÇÃO É UM ATO POLÍTICO”. *Cadernos de Ciência*, Brasília, n. 24, p.21-22, jul./ago./set. 1991.
- Acesso em 12 abr/2021. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1357>
- SEBARROJA, Jaume Carbonel et al. *Pedagogias do Século XX: Maria Montessori, Ferrer i Guàrdia, John Dewey, F. Ginter de los Ríos, Célestin Freinet, A.S. Neil, A.S. Makarenko, Jean Piaget, Lorenzo Milani, Paulo Freiree Lawrence Stenhouse*. Porto Alegre, Artmed, 2003.



Projeto de Iniciação Científica Via Web-Conferência: Um Relato de Experiência

Diversas Instituições de Ensino Superior possuem atividades voltadas à introdução do aluno da graduação no mundo da ciência, as quais geralmente são conhecidas como Iniciação Científica (IC) (PINHO, 2017). Tais atividades costumam estar vinculadas a grupos de pesquisas devidamente registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, conforme Saviani (2002), não visam diretamente formar o pesquisador, mas sim proporcionar a vivência da pesquisa.

No ano de 2020, as atividades de um grupo de Iniciação Científica da UNINA que aconteceriam presencialmente foram reorganizadas em virtude do surto de Covid-19, e assim os encontros ocorreram via web-conferência. Ao todo, foram realizados onze encontros, entre maio e outubro de 2020, com duração de 1h30min cada um deles. O trabalho era coordenado por um aluno mestrando.

Diante das alterações necessárias para operacionalizar o trabalho pedagógico, buscou-se responder ao seguinte questionamento como integrante do grupo de pesquisa: como as atividades desenvolvidas de forma remota contribuíram com o seu aprendizado científico? Tal questionamento, durante um momento de ensino remoto, é importante e justifica-se, pois, de acordo com o que aponta Silva (2020), “[...] A questão que se levanta é: A lição está sendo ensinada, mas será que foi aprendida?” (p. 30).

O grupo de IC contava com 5 participantes, que responderam via *Google Forms* ao questionamento acima proposto, ou seja, sobre as possibilidades de aprendizado científico nas atividades de IC desenvolvidas de forma remota.

Feito isso, todos os participantes enviaram suas respostas, das quais, após organizadas e analisadas, foi possível destacar 3 indica-

dores principais:

I- Conhecimento adquirido durante os encontros: os participantes relataram seus principais aprendizados, entre os quais as técnicas de escrita de artigos científicos tiveram mais destaque.

II- Limitantes dos encontros remotos: um participante relatou os cortes no áudio durante a fala do professor e as interferências na própria residência (barulho, filhos, etc.), e outro apontou o excesso de informações repassadas.

III- Contribuição para o aprendizado científico: todos os participantes declararam que as atividades desenvolvidas contribuíram para seu aprendizado, especialmente as técnicas para elaboração de artigo científico.

Tendo em vista as evidências encontradas, considera-se que as atividades de IC realizadas remotamente foram relevantes para o aprendizado dos participantes do grupo, das quais se destacam as voltadas à produção de artigos científicos como uma das mais significativas. Entretanto, alguns limitantes, como cortes no áudio do professor, distratores no local onde o participante acessa a sala remota e o excesso de informações repassadas pelo professor podem ter dificultado o aprendizado.

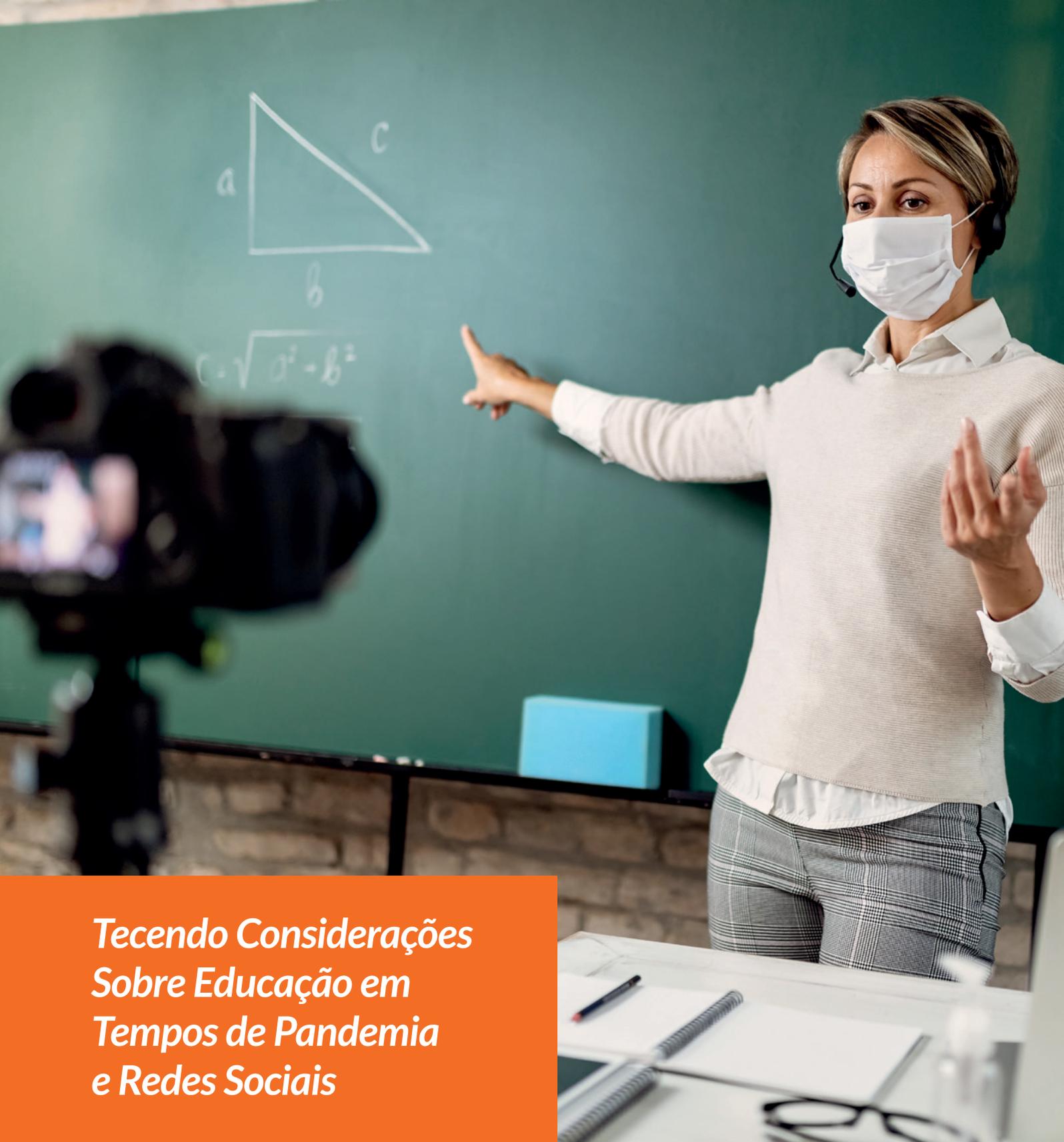
Diante do exposto, é possível compreender que atividades de IC podem ser realizadas satisfatoriamente de forma remota. No entanto, também deve-se levar em consideração os limitantes desse modo de ensino, para que as atividades possam colaborar positivamente para o aprendizado de seus participantes.

Guilherme Natan Paiano dos Santos

Mestrando em Educação e Novas Tecnologias. Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

- PINHO, Maria José. Ciência e ensino: contribuições da iniciação científica na educação superior. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, v. 22, n. 03, p. 658-675, nov. 2017.
- SAVIANI, Demerval. *A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Ana Valéria Barbosa da. Coronavírus: a entropia do século XXI silva. In: ALMEIDA, Fernando José de; ALMEIDA, Maria Elizabeth de; SILVA, Maria da Graça Moreira da. (orgs.). *De Wuhan a Perdizes: Trajetos Educativos [recurso eletrônico]*. São Paulo: EDUC, 2020. p. 22-33.



Tecendo Considerações Sobre Educação em Tempos de Pandemia e Redes Sociais

O atual cenário pandêmico que vivemos no Brasil desde o primeiro semestre de 2020 trouxe consigo novos desafios educacionais, sobretudo para a educação básica. As crianças, pais e professores se viram diante de uma nova demanda, o ensino emergencial, remoto, e, mais recentemente, híbrido, que

passaram a fazer parte do cotidiano das escolas por todo país, tanto no âmbito privado quanto público.

Nesse processo de novos paradigmas, várias dúvidas aparecem: como mediar os saberes com os pais e crianças/alunos em casa?

Como avaliar os conhecimentos e aprendizagens dos estudantes nesse momento? As respostas para essas questões não são fáceis nem únicas, mas um dos primeiros caminhos para elucidar esses questionamentos é considerarmos que os tempos e espaços, tal qual estávamos acostumados, mudaram totalmente e revelaram, além dos desafios pedagógicos, desafios estruturais de conectividade à internet, softwares e aplicativos para o acesso à educação formal. Todavia, esse cenário trouxe possibilidades de inovação e um reinventar das práticas pedagógicas por todo país.

O uso das TDIC's e TIC's acentuou-se neste período de forma generalizada na educação, como alternativa de manutenção dos laços afetivos e educacionais. Segundo Brito e Purificação (2008), o cenário tecnológico e informacional atual requer novos hábitos, novas formas de armazenar e transmitir conhecimentos, bem como propiciar o desenvolvimento da capacidade criativa, crítica e reflexiva sobre nossa sociedade.

Arruda (2020) corrobora essa perspectiva ao destacar que a educação remota é uma alternativa importante e válida para a manutenção dos vínculos entre professores e estudantes, ou seja, não se trata das metodologias da educação propagadas através da modalidade EaD, mas uma forma de educação voltada especificamente para o atual momento que vivemos, a qual precisamos problematizar diariamente. Nesse contexto, o uso das redes sociais tornou-se recorrente para manutenção do acesso e das relações sociais, seja para envio de atividades ou para comunicação entre professores, coordenação, famílias, alunos e escola. Assim, tornou-se um importante instrumento de divulgação dos materiais didáticos digitais produzidos neste período pandêmico.

As redes sociais basicamente funcionam

como espaços virtuais que possibilitam o relacionamento e a troca de informações entre diferentes grupos com interesses em comum. Entre as redes mais utilizadas no Brasil, pode-se ressaltar: o YouTube, o Facebook e o WhatsApp. Um destaque especial deve-se ao WhatsApp que, apesar de ser um aplicativo voltado para envio e recebimentos de mensagens, no Brasil, possui um papel distinto no que se refere à comunicação entre a população e empresas. Estima-se que 96% dos brasileiros que possuem um smartphone usam esse aplicativo de mensagens. Além disso, os mais variados grupos e informações compartilhadas pelo mensageiro permitem caracterizá-lo como uma rede social.

Para a educação, tornou-se uma importante ferramenta de comunicação e mediação de conteúdos durante o período pandêmico. Muitas escolas, além de adotarem transmissão via rádio, televisão e "AVAs", criaram grupos no WhatsApp, para encaminhamento de informações e comunicados e até mesmo de aulas.

Em minha experiência na coordenação pedagógica, durante o primeiro semestre da pandemia no ano de 2020, em uma escola de Ed. Infantil e Ensino Fundamental no município de São José dos Pinhais (Paraná), as redes sociais se tornaram um dos principais recursos para transmitir informações e conteúdos para os estudantes. Uma das primeiras ações adotadas após a determinação de fechamento das escolas, de modo a manter o contato com os estudantes, foi criar grupos de turmas e pais no WhatsApp, algo que não era comum para os Anos Iniciais e Ed. Infantil. Através disso, utilizamos outras estratégias, como produção de: vídeos, áudios, lives, atividades impressas, etc., que mostraram respostas positivas, bem como desafios de acessibilidade para todos os estudantes, o que motivou debates e inovação pedagógica

constante. Práticas como essas se espalharam, de diferentes formas, por todo o território brasileiro.

Temos presenciado mudanças constantes, sobretudo no cenário da educação, e, neste contexto de incertezas e transformações, cabe retomar os ensinamentos de Paulo Freire:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção. (FREIRE, 2014, p. 24).

Ms. Amanda de Lima de Almeida

**Mestre em Pedagogia.
Professora tutora da Faculdade Unina.**

REFERÊNCIAS:

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 49^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

ARRUDA, E. P. *Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19*. Disponível em: https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/tf-educacao-remota-emergencial-elementos-para-politicas-publicas-na-educacao-brasileira-em-tempos-de-covid-19,89216bf-1-8c6b-4ffa-af24-aa1fd924c4a6?utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=pesquisadores_ensino_remoto_educacao_covid> Acesso em 24 de mar de 2021.

BRITO, G.S; PURIFICAÇÃO, I. *Educação e novas tecnologias um repensar*. 2^a ed. Curitiba: IBPEX, 2008



A Construção do Conhecimento na Ead: Ser Professor Tutor

A sociedade sofreu mudanças significativas em suas concepções, tanto referentes às tecnologias quanto ao comportamentalismo. Porém, na educação a distância, por diversas instâncias e em razão atualmente do avanço que vem ocorrendo no campo educativo, acaba por influenciar de maneira direta todas as modalidades educacionais em nosso país e no mundo. Isso ocorre por existir uma sociedade formada por estudantes que buscam acesso rápido às informações e ao conhecimento, de forma que possam obter significados que satisfaçam as suas necessidades. Cabe ao professor encontrar, por meio da tecnologia, os caminhos que venham a ser oportunos à educação de seus estudantes e para a sua própria educação, pois não são só os estudantes que aprendem, mas os professores aprendem junto com eles.

A EAD propicia a constituição de uma aprendizagem autônoma, em que o estudante deve ser responsável pela construção do seu conhecimento. Essa modalidade de ensino possibilita, na verdade, a formação de indivíduos autônomos, críticos e criativos, autores do seu próprio conhecimento.

Sobre isso, Freire (1974, p. 42) destaca:

É preciso que a educação esteja em seu cotidiano, em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos, adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo e estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.

Desse ponto de vista, a formação do aluno se dá criticamente e visa à transformação da sociedade. Entretanto, isso somente irá ocorrer com o auxílio dos professores tutores que, incansavelmente, buscam despertar o interesse de seus estudantes, ajudando-os a desenvolver, entre outras habilidades, uma escrita própria e também sua autonomia. Além disso, esses profissionais contribuem orientando pesquisas, indicando bases teóricas, sites confiáveis, enfim, dando subsídios para que o aluno se torne autor de seu conhecimento.

Há que se ressaltar, contudo, a necessidade de estarmos preparados para lidar com esse

estudante ávido por uma formação. Ademais, para que ele consiga lidar com os avanços tecnológicos, que marcam nossa época, a educação não pode apenas estar enraizada no processo tradicional de aprendizagem. Os estudantes da atualidade têm diferentes formas de aprender e é comum que tenham acesso a múltiplos recursos tecnológicos. Assim sendo, para que os professores consigam atingir os estudantes nessas diferentes formas de aprendizagem, eles devem estar atualizados em relação às possibilidades de uso das tecnologias digitais e também no que diz respeito às novas metodologias de ensino.

A propósito, Antunes (2002, p. 9) lembra:

Algo novo está surgindo nesse “nosso velho mundo” e não se enquadra nos pressupostos convencionais e nos paradigmas que antes eram transmitidos de uma geração para a outra. Não se trata, absolutamente, de pensar o que a educação pode fazer por esta nova civilização, mas de buscar indícios de

como ela está mexendo nas entranhas do conhecimento, do ensinar e do aprender.

Nesse sentido, é importante lembrar que um bom professor não se constitui apenas de teoria, embora ela tenha sua importância. Ele vai se formando na relação teoria e prática, pois é a partir da ação e da reflexão sobre a ação que o professor se constrói enquanto sujeito em pleno estado de mudança.

É necessário que professor e instituição trabalhem juntos na produção de atividades que contemplem os avanços que vêm ocorrendo na sociedade e consigam ser atingidos com suas mais diferentes formas de aprendizagem.

A EAD tem se beneficiado das tecnologias, tornando-se cada vez mais popular e chegando a lugares outrora nunca imaginados, possibilitando que um público que, por vezes, nem sequer vislumbrava a possibilidade de estudar possa concretizar esse sonho.

Ms. Sandra Mara de Lara

**Mestre em Pedagogia.
Professora tutora da Faculdade Unina.**

REFERÊNCIAS:

- ANTUNES, Celso. *Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1974.



A Educação para a Segurança no Trabalho e as Relações Pedagógicas da II SIPAT da CIPA 2021

Para começar, vamos saber um pouco sobre a constituição da CIPA e os seus objetivos. A Comissão Interna de Prevenção de Acidentes – CIPA, que é composta por representantes do empregador e dos colaboradores, tem como objetivo a prevenção de acidentes e doenças decorrentes do trabalho, de modo a tornar compatível permanentemente o trabalho com a preservação da vida e a promoção da saúde do colaborador.

A CIPA tem por atribuições, entre outras: identificar os riscos do processo de trabalho e elaborar o mapa de riscos, com a participação do maior número de trabalhadores, com a assessoria do SESMT (Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho), sempre que possível; estruturar plano de trabalho que possibilite a ação preventiva em relação a problemas de segurança e saúde no trabalho; participar da implementação e do controle de qualidade das medidas de prevenção necessárias, bem como da avaliação das prioridades de ação nos locais de trabalho; realizar, periodicamente, verificações nos ambientes e condi-

ções de trabalho, visando à identificação de situações que venham a trazer riscos para a segurança e saúde dos trabalhadores.

A SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho) é uma das atividades exigidas pela NR 5 e tem como finalidade básica divulgar, orientar e promover a prevenção de acidentes, a segurança e a saúde no trabalho. Esse evento tem ainda o propósito de fazer com que os funcionários resgatem valores esquecidos pelo corre-corre do dia a dia, ou seja, não só tenham ideia de segurança, mas que também a pratiquem, desenvolvendo a consciência do quanto é importante serem eliminados os acidentes do trabalho e a criação de uma atitude vigilante, permitindo reconhecer e corrigir condições e práticas nocivas ao ambiente laboral. Além disso, serve para que os colaboradores em geral se conscientizem sobre seus hábitos e atitudes, reforçando a necessidade de optar por comportamentos que promovam o seu próprio bem-estar e qualidade de vida.

E, nesse quesito, a Faculdade Unina vive in-

tensamente a dimensão da educação como caminho de libertação e de vida em abundância: de felicidade. Assim, a educação para a prevenção de acidentes no trabalho, sobretudo neste momento de pandemia em que nossas casas se transformaram também em nosso local de trabalho. A II Semana de Prevenção de Acidentes no Trabalho – II SIPAT – da Faculdade Unina, buscou um diálogo entre a Segurança no Trabalho, a saúde integral do ser humano – com enfoque nas Doenças Sexualmente Transmissíveis e na ansiedade, sobretudo causada pelos novos desafios trazidos pela pandemia, pelo isolamento social e pelo home office – e a dança, como sinal da vida em movimento, uma vez que vida é movimento.

A partir da avaliação feita pelos membros da própria comissão e pelo feedback fornecido pelos participantes e pelos assessores, constatamos que houve um avanço conceitual,

“furamos a bolha”, por assim dizer, alcançando muito além do que normalmente é o horizonte da CIPA: os colaboradores internos da instituição. Atingimos um distante sujeito que não apenas, igualmente a nós, trabalha, mas é ele próprio a razão de nosso trabalho: os estudantes da Faculdade Unina e os colaboradores dos Polos. Como profissionais da educação, mas sobretudo como trabalhadores e trabalhadoras que usam a tecnologia como ferramenta de trabalho, nós somos sujeitos de nossas carreiras, de nossos sonhos e de nossas vidas. Talvez seja isso que queira dizer o sociólogo polonês Zygmunt Bauman: “E não interessa quão afiados possam ser os gumes com que ela esteja atualmente cortando, a tecnologia em si não vai promover o avanço da democracia e dos direitos humanos por você (por você e em seu lugar)” (BAUMAN, 2014, p. 73). É assim que a Unina acredita na felicidade, sobretudo, como fruto de uma construção coletiva.

Comissão da CIPA Faculdade Unina

Airton Hitoshi Mitsuyasu

Dulcinéia de Souza

Irajá Luiz da Silva

João Ferreira Santiago

Jozielly Cristina S S de Almeida

Natalia Figueiredo Martins

Patrícia Ranzani do Nascimento

Sandra Mara de Lara

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. *Cegueira Moral – A perda da sensibilidade na Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

<http://www.sindconir.org.br/folders/folder-cipa-cor.pdf>. Acesso em 29 de abril de 2021.

**Cursos de graduação,
pós-graduação e extensão
universitária**

Saiba mais em nosso site:

www.unina.edu.br



**FACULDADE
UNINA**

CURITIBA E REGIÃO:

(41) 3123 9000

DEMAIS LOCALIDADES:

4003-3741

Rua Claudio Chatagnier, nº 112, Bacacheri • CEP 82520-590
Curitiba/Paraná